



Uma apresentação do personalismo de Juan Manuel Burgos

*João Pedro da Luz Neto**

Resumo: O presente artigo tem como objetivo apresentar o argumento do filósofo espanhol Juan Manuel Burgos sobre a existência de uma filosofia, em voga no século XX e que possui como base a reflexão sobre a pessoa, denominada personalismo. Esta corrente de pensamento se vale de um conceito moderno do termo “pessoa”. Percebe-se que o autor apresenta novos rumos para esta corrente filosófica, distanciando-se de seus fundadores (especialmente a figura de Emmanuel Mounier), bem como apresentando uma síntese para essa filosofia, que também é uma espécie de chave de leitura para todos os filósofos considerados personalistas ou de inspiração personalista.

Palavras-chave: Personalismo; Juan Manuel Burgos; Filosofia contemporânea.

A presentation of Juan Manuel Burgos personalism

Abstract: The main of this article is present the argument of the Spanish philosopher Juan Manuel Burgos about the philosophy called personalism, original from XXth century and based on a meditation about the person. This new outline of philosophy is based on a modern concept of “person”. It’s realized that the author presents a new way to think this philosophical tendency, straying its founders (especially Emmanuel Mounier), as well as presenting a synthesis for it, that is a key for reading all philosophers that are called personalists or have it as an inspiration.

Keywords: Personalism; Juan Manuel Burgos; Contemporary Philosophy.

* Graduando em Filosofia. E-mail: jpluzneto@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9081-4715> CV: <http://lattes.cnpq.br/0331684348502258>

Introdução

O *Personalismo* é uma filosofia da primeira metade do século XX, influenciado e divulgado especialmente por conta do trabalho de Emmanuel Mounier (destaca-se a sua revista *Esprit*). Seu alcance é considerável, especialmente nos primeiros anos após a II Guerra Mundial: o personalismo contribui positivamente para novas constituições, para a constituição dos Direitos Humanos e até mesmo para o Concílio Vaticano II. Segundo Lalande, o personalismo é

“Doutrina moral e social fundada sobre o valor absoluto da pessoa, exposta no *Manifesto ao Serviço do Personalismo*, de Emmanuel Mounier (1936) e desenvolvida na revista *Esprit* (aparecendo desde 1932). Ver em particular *A situação do personalismo*, do mesmo autor, dos números de 1º de janeiro a 1º de março de 1946, onde ilumina fortemente o aspecto concreto da doutrina, ao mesmo tempo que relaciona com as diferentes atitudes políticas que pode-se supor. “O personalismo se distingue rigorosamente do individualismo e enfatiza a inserção coletiva e cósmica da pessoa” (Adição de M. Emmanuel Mounier na aprovação deste artigo) (2002, p. 756-757)¹

Também Burgos assinala a mesma caracterização, ressaltando que é tautológico afirmar a centralidade da pessoa na reflexão do personalismo (1997, p. 143-147). Para Urdañoz, o personalismo pode ser compreendido num sentido amplo, enquanto toda filosofia que reivindique a dignidade da pessoa nos mais diversos campos da filosofia (o que é comum a vários autores modernos), e também num sentido mais rigoroso, enquanto uma filosofia que centra o significado da realidade no conceito de pessoa. Para o autor, a visão personalista afirma que “o ser em seu princípio é pessoal, e

¹ A tradução é do autor do artigo, a partir de LALANDE, A. *Vocabulaire technique et critique de la philosophie*. Paris: Presses Universitaires de France, 2002.

tudo o que não é pessoal no ser deriva da pessoa, como meio de manifestação ou de comunicação entre as pessoas.” (1985, p. 361)²

Personalismo em suas origens³

Compreender a origem desta filosofia exige a noção histórica do início do breve⁴ e conturbado século XX, em que o ocidente enfrenta uma imensa crise política, econômica e social. Há, nesse momento, um rompimento dos paradigmas éticos e morais, instabilidade política, etc.; não se tratava de uma crise meramente intelectual, mas generalizada, como se constatará especialmente nos anos 30. Sobre a sociedade europeia deste tempo, o historiador Eric Hobsbawm comenta:

“Para essa sociedade, as décadas que vão da eclosão da Primeira Guerra Mundial aos resultados da Segunda foram uma Era de Catástrofe. Durante quarenta anos, ela foi de calamidade em calamidade. Houve ocasiões em que mesmo os conservadores inteligentes não apostariam em sua sobrevivência. Ela foi abalada por duas guerras mundiais, seguidas por duas ondas de rebelião e revolução globais que levaram ao poder um sistema que se dizia a alternativa historicamente predestinada para a sociedade capitalista e burguesa e que foi adotado, primeiro, em um sexto da superfície da Terra, e, após a Segunda Guerra Mundial, por um terço da população do globo.” (1995, p. 16)

² Todas as traduções de Burgos foram feitas pelo autor do artigo, a partir das seguintes obras: BURGOS, J. M. *¿Es posible definir el personalismo?* El Primado de la persona en la moral contemporánea: XVII Simposio Internacional de Teología de la Universidad de Navarra. Navarra: Servicio de Publicaciones de la Universidad de Navarra. 1997. p. 143-152 e BURGOS, J. M. *Introducción al personalismo*. Madrid: Ediciones Palabra, 2012.

³ A proposta desse capítulo não é fazer somente uma descrição histórica, mas propor uma avaliação de como Burgos vê o século XX e a origem do personalismo.

⁴ Valemo-nos da expressão “breve século XX” seguindo o subtítulo da obra de Eric Hobsbawm: *Era dos Extremos*.

O positivismo

Particularmente a crise da ciência é importante para compreendermos a mentalidade personalista. Durante a segunda metade do século anterior, a mentalidade positivista tomou conta da Europa no final do século XIX e seus resultados, do ponto de vista tecnológico, são formidáveis: nunca se cresceu tanto em tão pouco tempo (BURGOS, 2012, p. 13-14). O positivismo opõe-se ao conhecimento especulativo e considera o empírico como o domínio da ciência; desta forma, o conhecimento teológico e metafísico deveria ser abandonado em prol da observação, dentro de um método comum para todas as ciências – o que garantiria o desenvolvimento contínuo das ciências particulares e as habilitaria para uma resposta em conjunto dos problemas humanos (MADUREIRA, 2005, p. 9-11).

Essa posição gera críticas como a de Husserl, denominando “psicologismo” a tendência de matematizar a vida humana, demonstra como a lógica jamais pode trabalhar com leis imprecisas, vindas de uma experiência sempre imperfeita (DARTIGUES, 1992, p. 11-13). Igualmente crítico, o personalismo surge como um grupo que tenta encontrar respostas consistentes para não transformar o transcendente num mero meta-material. É em tal sentido que foi cunhada a expressão “primazia do espiritual”, por Maritain (BURGOS, 2012, p. 17).

Individualismo e Coletivismo

Igualmente importante é a discussão que os personalistas travam com os sistemas políticos individualistas e coletivistas.

O individualismo, segundo Burgos, não é uma corrente teórica como o marxismo ou o fascismo, pois seus rasgos ideológicos são difusos – não existe alguém que encabece o individualismo. O autor fará uma caracterização a partir de três pontos: a ética utilitarista, os direitos do indivíduo e o capitalismo.

A ética utilitarista é aquela que tem como objetivo central aumentar o prazer e reduzir a dor, e possui como regra absoluta a ausência de regras. Um homem pode ser eliminado se isso causar prazer ou reduzir a dor de uma sociedade. Não há um valor absoluto em nada.

A defesa dos direitos individuais tem como princípios a autonomia do indivíduo (em corpo e espírito) e a ingerência do estado. Também o capitalismo do início do século XX, “filho direto da Revolução Industrial ainda não controlada” (BURGOS, 2012, p. 20), que causa exploração significativa e acirramento de classes. A teoria econômica neoclássica fundamentava isso, com a ideia da ‘mão invisível’, que regularia a economia sem interferência estatal.

Já o individualismo possui um ponto positivo, que é a primazia do sujeito sobre a sociedade, mas esse indivíduo é egocêntrico e recusa-se a “pôr suas qualidades a serviço da comunidade e da sociedade” (BURGOS, 2012, p. 22).

Os coletivismos, por sua vez, são o oposto ao individualismo: o indivíduo deveria deixar de lado suas prerrogativas e unir-se ao outro em torno de um bem comum. Seu propósito não é, contudo, uma mera reação ao individualismo, mas está fundamentado em Hegel (prioridade do sistema sobre o indivíduo).

O marxismo (clássico) se voltava para o proletariado, o oprimido, e propunha a salvação através da luta de classes, que deveria destruir o capitalismo. No entanto, a “antropologia intrinsecamente errônea viciou as estruturas partidárias e dos Estados comunistas, conduzindo-os a injustiças e crimes muito maiores do que os que se pretendia resolver” (BURGOS, 2012, p. 24).

Já o fascismo e o nazismo surgem dos coletivismos de direita, mas comungavam das mesmas propostas éticas de reação ao individualismo. O fascismo italiano deificou o Estado; o nazismo, o povo alemão.

Burgos repete a crítica à antropologia errada (embora não a explicita), em que o homem se torna um brinquedo nas mãos do outro, muitas vezes liderado por alguém carismático. O personalismo apareceria

como uma alternativa, numa primazia da pessoa sobre a sociedade, mas uma pessoa comprometida com a sociedade, aceitando sacrifícios por ela.

O personalismo como filosofia

Intelectuais como Mounier, Maritain, Lacroix e Ricoeur negam que o personalismo seja uma filosofia: conscientes da primazia da pessoa, não parecem ter como interesse constituir uma doutrina filosófica.

O grande representante do personalismo, Mounier, não utiliza o termo no singular, mas no plural. Para ele, personalismo é antes uma atitude de valorização do homem e afirmação de sua primazia. Todavia, conforme assinala Burgos, em seu “O Personalismo” há uma mudança, uma abertura à concepção de personalismo enquanto sistema filosófico. De fato, na referida obra Mounier refere-se ao personalismo não como “apenas uma atitude. É uma filosofia, não é um sistema.” (s/a, p. 16); contudo, parece não concordar absolutamente com tal reflexão, e, logo em seguida, referir-se aos personalismos cristão e agnóstico (s/a, p. 17).

Igualmente Maritain não concorda com a perspectiva de escola/doutrina personalista. Segundo este filósofo, existem personalismos de diferentes vieses, e isso impede uma convergência (Maritain comenta até em personalismo nietzscheniano); Lacroix é ainda mais radical, caracterizando o personalismo enquanto anti-ideologia. Unir os personalismos terminaria em ecletismo ou espiritualismo, o que é fundamentalmente anti-filosófico (BURGOS, 2012, p. 226-229).

Por sua vez, Paul Ricoeur também faz uma crítica ao conceito. Para ele, o conceito de pessoa é anterior à existência, e considera Mounier antes um pedagogo. Seu famoso artigo “Meurt le personnalisme, revient la personne” expressa claramente o esgotamento do movimento mounieriano. Acredita que o conceito de atitude-pessoa⁵ seria mais proveitoso. (BURGOS, 2012, p. 229-233)

⁵ “Ricoeur entende que isto é possível através da atitude-pessoa, que consistiria em ter sempre presente esta categoria na elaboração do próprio sistema intelectual e filosófico, de modo que

A originalidade de Juan Manuel Burgos

Com o fortalecimento do estruturalismo e do marxismo, especialmente depois dos anos 60, o personalismo acaba declinando. Todavia, seria esta uma filosofia morta, ou ela ainda possui algum alcance no nosso incipiente século? O personalismo é pertencente apenas à história da filosofia? O filósofo espanhol Juan Manuel Burgos⁶, em seu livro “Introducción al Personalismo”⁷ defende que a filosofia personalista possui um passado, mas não se reduz ao seu valor histórico: os questionamentos e aproximações do personalismo continuam válidos e fundamentais para a compreensão do mundo contemporâneo.

Para este filósofo, o personalismo é uma corrente filosófica nascida no século XX, estruturada a partir de um conceito moderno de pessoa e com alguns filósofos referenciais (como Wojtyła, Mounier, Maritain, von Hildebrandt, Marías, Zubiri, Guardini). A noção básica do personalismo, é obviamente, a pessoa – todavia não enquanto uma filosofia “genérica” (como a filosofia da linguagem, filosofia da ciência, etc.), mas estrutural, isto é, o conceito de pessoa é o fundamento de uma construção filosófica. Diferentemente, filosofias como o tomismo têm outros conceitos prévios que constroem a noção de pessoa (BURGOS, 1997, p. 146-148).

lhe desse forma e o fizesse frutificar nesta direção. Ricoeur é capaz de advertir que o conceito de ‘atitude-pessoa’ é algo ambíguo, mas entende que este problema pode ser superado dando-lhe um estatuto epistemológico consistente em estabelecer uma apreensão que determine a orientação de suas investigações. Seria o “foco de uma ‘atitude’ a que pudesse corresponder ‘categorias’ múltiplas e muito diferentes, segundo a concepção que se tenha do trabalho de pensamento digno de ser chamado ‘filosofia’”. Tratar-se-ia, em definitivo, de abordar a noção de pessoa não desde uma filosofia forte e específica, senão desde premissas diferentes e próprias de cada investigador, que deveriam ter, isso sim, traços comuns próprios do foco que delimita a atitude-pessoa e que, segundo Ricoeur, estariam governadas por dois critérios: crise e compromisso, e por três corolários: tempo, diferença e horizonte de uma visão histórica global.” (BURGOS, 2012, p. 233).

⁶ Doutor em Física (1988 - Barcelona) e Filosofia (1992 – Roma), é atualmente professor da Universidad CEU- San Pablo, em Madrid. Fundou a Associação Espanhola de Personalismo. Propõe uma caracterização concreta do personalismo como corrente filosófica e possui estudos antropológicos. É influenciado por Maritain, Marías e principalmente Wojtyła.

⁷ BURGOS, J. M. *Introducción al personalismo*. Madrid: Ediciones Palabra, 2012.

Posicionar o personalismo enquanto sistema filosófico construído a partir da pessoa é, em parte, originalidade de seu trabalho: como se pode perceber, Mounier, Maritain, Lacroix e Ricoeur negam essa condição, situando o personalismo de outras maneiras.

Burgos, entretanto, responde a tais problemas: afirma que existe uma dificuldade em relação ao termo, devido à identificação excessiva do personalismo com a figura de Emmanuel Mounier. Quando propõe que o personalismo esteja “mas allá de Mounier” (BURGOS, 2012, p. 237), justamente pretende dissolver as críticas que impediriam a definição de um sistema filosófico personalista. Para o autor, se Mounier teve um importante papel na divulgação do personalismo e uma ótima inserção cultural, o personalismo não pode ser restrito ao ambiente francês, precisamente por conta do êxito na divulgação desta corrente. Além deste argumento relativo à história do movimento, o filósofo argumenta que, por mais sem consistência especulativa que o personalismo possa parecer, o personalismo não é tão genérico como se poderia pensar, e “se analisado de modo atento e adequado, é fácil descobrir uma rede conceitual relativamente clara, precisa e potente” (BURGOS, 1997, p. 145).

Cabe, portanto, caracterizar uma descrição positiva do personalismo, não apenas buscando diferenciá-lo de outras correntes filosóficas, mas caracterizá-lo enquanto corrente em vários aspectos (questões gnosiológicas, metafísicas, relação entre filosofia e práxis, razão e fé, subjetividade, etc.). A seu ver, consegue perceber alguns pontos que são “assumíveis por todas as correntes personalistas” (BURGOS, 2012, p. 239).

Um trabalho diacrônico e sincrônico

Burgos examinou o personalismo de maneira sincrônica e diacrônica. Em seu livro *Introducción al personalismo*, revê a história da filosofia personalista, passando por seus autores (incluindo como personalistas Maritain e Marcel) e aqueles que os influenciaram, também

fazendo uma caracterização geral do personalismo, mostrando por fim uma “visão pessoal” (2012, p. 221).

Influências filosóficas: kant, kierkegaard, husserl, tomás.

Existe uma influência da antropologia de Kant no personalismo. Seu imperativo categórico, que proíbe a instrumentalização humana, e a distinção entre pessoa e coisa, donde esta tem valor relativo e aquela, absoluto, são úteis para o personalismo. Entretanto, Burgos ressalta que o personalismo não é propriamente um kantismo ou um neokantismo, mas apenas inspira-se em Kant, em alguma medida.

A reivindicação do ‘indivíduo singular’ feita por Kierkegaard está próxima do conceito de ‘pessoa’ dos personalistas. O ideal de humanidade - que está acima das condições da espécie - é fundamental nisso. O filósofo ainda traz outros pensamentos relevantes, como a interpessoalidade (em especial a relação Deus-pessoa) e também a insistência do caráter angustiado do homem que se defronta com sua liberdade. Burgos defende o personalismo existencialista diante do existencialismo de Sartre, mas não entra em detalhes.

O método fenomenológico de Husserl (especialmente os seus escritos iniciais) é importante, devido ao compromisso com o realismo. Edith Stein, filósofa discípula de Husserl, define o objetivo da fenomenologia enquanto clarificação e busca pelo fundamento de todo o conhecimento. Para isso, não deveria contar com nada que fosse duvidável, mas apenas com o auto-evidente, pois tem como intuito ser uma base para a ciência. No entanto, toda a nossa percepção a respeito das coisas pode estar enganada, e por isso todo o mundo, e até o sujeito experimentador deve ser suspensas, deixando um novo campo infinito para a investigação. O que significaria essa exclusão? Significaria excluir a postulação da existência, mas não a experiência do sujeito e seu correlato. O “eu” que experimenta não pode ser cancelado, porque ele é indubitável (1989, p. 3-5). As influências da fenomenologia são evidentes especialmente em filósofos de

origem alemã – Burgos afirma que o grupo de Göttingen⁸ é praticamente todo personalista.

A filosofia de Tomás surge como filosofia católica com a bula *Æterni Patris* (1879), de Leão XIII, e todo filósofo católico passa a estudá-la. Entretanto, houve divergências entre como relacionar-se com esse tomismo. Em geral, os personalistas mantiveram-se numa certa cautela, alegando que não era possível ressuscitar o pensamento aquinate no mundo moderno. Alguns tentaram a construção de um personalismo que incluísse o tomismo sem que fosse uma simples adaptação, e outros se utilizavam do tomismo, mas não propriamente de seus conceitos básicos. O caso clássico, dentro da história do personalismo, é o de Jacques Maritain que, embora se denominando discípulo de Santo Tomás de Aquino, não deixa de desenvolver suas próprias ideias, especialmente no campo sócio político, como afirma Burgos (BURGOS, 2012, p. 75).

Crise e renovação cultural do catolicismo.

A crise do catolicismo no início do século também foi um elemento-chave para compreender a formação do personalismo⁹. Durante toda a modernidade, houve uma corrupção e acomodação do cristianismo, e o novo século trouxe a necessidade de viver profundamente as suas convicções, especialmente no que tange a relação fé-conhecimento. No campo específico da filosofia, surge a necessidade do tomismo; entretanto, a solução era insuficiente, pois era necessária uma filosofia que respondesse

⁸ Como grupo de Göttingen, Burgos refere-se aos filósofos que foram alunos de Husserl enquanto ele lecionava nesta cidade. Destaca-se, desse grupo, a figura de Edith Stein, discípula e secretária de Husserl, e também outros nomes, como Max Scheler, que tem grande influência em vários filósofos com esta inspiração, notavelmente Karol Wojtyła e Dietrich von Hildebrand.

⁹ Não é de se estranhar a relação entre personalismo e cristianismo – mais especificamente, catolicismo. Como Burgos destaca, muitos dos pensadores personalistas foram católicos, e viveram com radicalidade suas convicções (BURGOS, 2012, p. 13). Deste grupo, alguns se converteram adultos, como Maritain, Marcel, Hildebrand, Edith Stein, e outros, além de filósofos, foram sacerdotes, como Nêdoncelle, Guardini e Wojtyła.

a esses tempos. O personalismo surge, então, como uma “renovada inspiração filosófica no cristianismo” (BURGOS, 2012, p. 45), chegando inclusive a perceber que era necessário desprender-se do lastro grego¹⁰ que selava algumas vias para a filosofia cristã¹¹.

Pessoa humana: a centralidade dos temas personalistas

“...por conceito moderno de pessoa se entende a perspectiva antropológica que possui como temática ou sublinha todos ou parte desses elementos: a pessoa como eu e quem, a afetividade e a subjetividade, a interpessoalidade e o caráter comunitário, a corporalidade, a tripartição da pessoa no nível somático, psíquico e espiritual, a pessoa como varão e mulher, primazia do amor, liberdade como autodeterminação, caráter narrativo da existência humana, transcendência como relação com um Tu.” (BURGOS, 2012, p. 239-240)

A partir disto, vejamos como a filosofia personalista pode ser avaliada em seus espectros de realismo e de novidade.

Personalismo enquanto filosofia realista.

Burgos pretende identificar a filosofia realista que identifica o personalismo e destacar os aspectos novos ou originais. “A maneira com que o personalismo se insere na tradição realista é peculiar, no sentido de

¹⁰ Por lastro grego, compreende-se a maneira grega de fazer filosofia, que é fundamento para as reflexões filosóficas cristãs, bem como para sua teologia.

¹¹ A filosofia cristã traz um grande problema na modernidade devido às relações entre fé e razão. Autores cristãos e especialmente os metafísicos realistas defendem a possibilidade da filosofia cristã devido à possibilidade da complementaridade das mesmas e da mútua dependência, algo expresso em obras como “O Espírito da Filosofia Medieval”, de Étienne Gilson, e também em obras de personalistas como Nédoncelle, em “Existe uma Filosofia Cristã?” ou Wojtyła, em “Fides et Ratio”.

que assumiu os grandes princípios realistas com uma perspectiva nova... em outros termos, a novidade do personalismo também se faz presente em sua caracterização como filosofia realista” (BURGOS, 2012, p. 266).

O personalismo possui densidade metafísica.

Todos os personalistas buscam uma explicação última que transcenda os dados empíricos (à maneira empirista/cientificista).

A consistência ontológica da realidade culmina na pessoa.

Existe, do ponto de vista personalista, um eu que é invariável. A novidade é a rejeição do conceito aristotélico de substância, que parece dissolver a pessoalidade (subjetividade pessoal) em meio a uma dimensão cosmológica.

O personalismo aceita a natureza humana.

Mounier expõe com clareza a necessidade de aceitar algo de comum entre todos os homens, o que dá o sentido de humanidade, embora não negando a sua liberdade. O mesmo problema com o lastro grego na palavra “substância” ocorre aqui em “natureza”.

Apresenta uma epistemologia realista.

Todavia, esta não é extremada como no racionalismo ou em algumas tradições realistas, em que a pessoa é espelho da realidade. Existe uma pessoa que interpreta e interage com a realidade, a qual não pode ser descartada. Há, ainda, aspectos que escapam à razão, permanecendo enquanto mistério.

Constata a liberdade humana.

Na perspectiva personalista, liberdade é não apenas ação, mas autodeterminação: corresponde à capacidade de construir-se enquanto pessoa; entretanto, não é possível o esquecimento de alguma limitação natural.

Constata o bem e o mal.

Não são sentimentos ou pressões sociais, mas estruturas interiores da pessoa.

Propõe a dimensão religiosa.

Diante das “questões últimas”¹², propõe-se um Ser, e diante da nossa realidade, esse Ser não pode ser impessoal e anônimo, mas se apresenta a nós de maneira pessoal. A pessoa não é apenas em desenvolvimento evolutivo, mas imagem do Ser.

O Personalismo como uma filosofia nova

O giro personalista.

A filosofia moderna abandonou a postura teocêntrica, preocupando-se em pôr o homem como centro da reflexão filosófica. Todavia, não era presente nesta filosofia uma dimensão última, irreduzível, irrepetível, que é a dimensão da pessoa. A fundação desse conceito levou tempo e foi complexa. Burgos destaca a rebelião contra o sistema hegeliano (Kierkegaard) e também a fenomenologia e o existencialismo como contributos. Finalmente, o personalismo abandonou o indivíduo anônimo iluminista e aderiu ao sujeito pessoal, num verdadeiro giro da filosofia contemporânea.

Estrutura tridimensional da pessoa.

A perspectiva tomista, de afirmar a alma enquanto forma substancial do corpo, pretende dissolver o tradicional dualismo e conciliar Platão e Aristóteles. Todavia, a nível operativo não alcançou completamente os seus

¹² Por questões últimas, Burgos refere-se ao problema do sentido da vida – os limites do homem, como dor, sofrimento e morte –, bem como a pergunta sobre Deus. Para mais informações, sugerimos a consulta de BURGOS, J.M. *Antropología: una guía para la existencia*. Madrid: Palabra, 2013 (5ªed), p. 373-397.

objetivos, pois se perpetua uma terminologia dualista. Faz-se, assim, uma proposta diferente: conceber a pessoa como somática, psíquica e espiritual.

Afetividade e subjetividade.

A filosofia supervalorizou o intelecto e a vontade, relegando a afetividade ao segundo plano, mas filósofos como Hildebrandt retomam a dimensão da afetividade como algo central, compreendida como vivência de si e “como o modo em que o sujeito tem presente ante si mesmo o que se apresenta” (BURGOS, 2012, p. 278). Esta estrutura antropológica se estende à tríplice estrutura pessoal. Aceitar a subjetividade, porém, não é recair num subjetivismo epistemológico.

A interpessoalidade.

É um tema posto em relevo especialmente pela filosofia do diálogo: a pessoa não só estabelece vínculos com os outros de maneira a se construir enquanto pessoa, mas alcança sua plenitude na sincera entrega ao outro. Burgos ressalta que essa entrega é marcada, todavia, pela constituição da identidade pessoal, e não dissolvendo o ser humano no coletivismo grupal. Inclusive a filosofia tomista pode conduzir a isso, se o leitor inexperiente confundir a relação subsistente das pessoas divinas com a relação interpessoal da pessoa humana.

Primazia da ação e do amor.

Na concepção grega, o apogeu é o intelecto. Os personalistas buscam romper isso e valorizar a prática em suas múltiplas dimensões, pois são meios do homem se transformar e se expressar. O personalismo ainda propõe a primazia do amor como elemento orientador da vida humana.

Corporeidade, sexualidade, o homem como varão e mulher.

A corporeidade se trata, em última instância, de uma realidade da pessoa. Em última instância, a pessoa é corpo, uma vez que este não existe sem aquela. A corporeidade é mais que a biologia. A sexualidade é, desta maneira, compreendida como uma maneira de ser varão ou mulher, não

apenas definidora do masculino e do feminino. Por último, é possível falar em filosofia da família, que inclusive influenciou o documento *Gaudium et Spes*¹³.

O personalismo comunitário.

Este termo, que ganhou especificidade própria com Mounier, foi cunhado por Maritain. Ao defender o conceito de pessoa, Maritain o integra dentro da sociedade, ressaltando seu caráter de solidariedade e interrelacional. A cidade não pode ser pautada na soma dos bens individuais, ainda que o bem-comum temporal não seja o fim último da sociedade: ele deve respeitar e servir os fins do homem.

Considerações de seifert sobre o pensamento de burgos

As constatações de Burgos não são, contudo, unânimes. Para Josef Seifert, ainda que o livro “Introducción al Personalismo” seja uma contribuição importante para a história da filosofia no século XX, algumas de suas reflexões exigem uma crítica: deve-se refletir acerca do conceito meramente histórico de personalismo e também sobre as intenções da síntese do autor – pontos que Seifert considera como a base da reflexão de Burgos (SEIFERT, 2013, p. 14), e também corrigir algumas imprecisões filosóficas.

Seifert argumenta que três conceitos de personalismo são possíveis. Ainda que concorde com o conceito dado por Burgos e já explicitado neste artigo, afirmando a existência de um grupo que, por sua novidade de pensamento – comparada com o pensamento aristotélico-tomista, por exemplo – merece ser chamado personalista, o autor afirma que não é possível restringir as reflexões sobre a pessoa a um grupo restrito no século XX. Por isso, elabora um conceito de “personalismo perennis”,

¹³ *Gaudium et Spes* é uma constituição pastoral sobre a Igreja Católica no mundo atual, publicada pelo papa Paulo VI em sete de dezembro de 1965, e que faz parte dos escritos centrais do Concílio Vaticano II.

compreendido não no sentido tomista, mas enquanto *summa veritatis*, isto é, os conhecimentos autênticos em todos os filósofos. Especificamente falando, para Seifert tal concepção de personalismo não identifica-o com a filosofia grega ou tomista, mas abre-se para “a totalidade dos importantes êxitos filosóficos sobre a essência e dignidade da pessoa e sobre todos os outros objetos do conhecimento filosófico” (2013, p. 15)¹⁴. Um personalismo nesta concepção se ocupa do ser no sentido mais próprio da palavra, que é o ser pessoa.

Ao identificar o personalismo como uma metafísica da pessoa, Seifert ampliará a reflexão, uma vez que, dentro da metafísica realista, *pessoa* não é um conceito antropológico, mas se atribui literal e infinitamente mais ao Ser subsistente. Consequentemente, é justo por participar deste de maneira tão intensa que a pessoa humana funda o seu valor, o que a dota de uma dignidade imensa e a capacita a realizar atos como amar e conhecer (ALVIRA, CLAVELL e MELENDO, 1986, p. 125).

Ademais, a dignidade humana está na essência das religiões judaica, muçulmana e, sobretudo cristã. Esta, ao conceber Deus enquanto comunhão de três pessoas, e que assumiu a natureza humana para elevar a humanidade, toma para si o núcleo do pensamento personalista, de maneira que todos os pensadores cristãos, antigos ou contemporâneos são personalistas: “um cristão não personalista ou não é cristão ou não crê ou entende nada do cristianismo, e assim, todos os filósofos cristãos foram personalistas” (SEIFERT, 2013, p. 15).

Finalmente, Seifert expõe um terceiro tipo de personalismo, muito relacionado com o segundo, que é um “personalismo transhistórico”, que

¹⁴ Todas as traduções de Seifert foram feitas pelo autor do artigo, a partir do artigo SEIFERT, J. Sobre el libro de Juan Manuel Burgos, *Introducción al personalismo. Persona. Revista Iberoamericana de Personalismo Comunitario*, Córdoba (Argentina), n. 22, p. 12-21, Abril 2013. ISSN 1851-4693.

corresponde a um ideal alcançado somente parcialmente, mesmo considerando os personalistas mais profundos do movimento personalista do século XX: a filosofia da pessoa encontrou muitos pensadores desde a antiguidade, mas ainda existem verdades sobre a pessoa que não foram descobertas por nenhum filósofo e “então é claro que o conteúdo deste verdadeiro e eterno personalismo é muito mais rico que os conteúdos que se descobriram no século XX” (SEIFERT, 2013, p. 15).

Outro tópico de questionamento refere-se às intenções da síntese do autor. Enquanto é formalizada a intenção de clarificar “o núcleo central do pensamento dos autores previamente expostos” (BURGOS, 2012, p. 221) e de demonstrar que o personalismo histórico “dispõe de todos os elementos para se converter em uma filosofia consistente” (BURGOS, 2012, p. 220), Seifert nota uma intenção oculta, não consciente, de “formular os autênticos êxitos, as verdades que foram descobertas por diferentes personalistas” (SEIFERT, 2013, p. 16). Para este filósofo, o núcleo do pensamento de Burgos não corresponde ao pensamento consensual de todos os personalistas, mas corresponde ao “personalismo perennis” e também ao “personalismo transhistórico”. Bastaria avaliar aspectos como realismo, abertura à transcendência e subsistência da pessoa para perceber que não são temas sobre os quais todos os personalistas estão de acordo (SEIFERT, 2013, p. 16), e por isso a compreensão que é mais um conteúdo detalhado e forte de um “personalismo perennis” do que um núcleo comum entre os personalistas.

Há, ainda, uma tese problemática para a qual Seifert pede atenção, pois poderia obscurecer um personalismo autêntico: “a problemática tese já mencionada de que a noção de pessoa constitui a categoria essencial da antropologia” (SEIFERT, 2013, p. 16). O autor argumenta que a referida tese, ainda que expresse um núcleo real e importantíssimo do personalismo, abre espaço para um triplo problema que apareceu, tanto no personalismo do século XX quanto na apresentação de Burgos: a falsa identificação de “pessoa” com “ser humano”, o esquecimento da diferença entre o ser humano e as outras pessoas e, finalmente, um falso medo do dualismo.

Seifert, como defensor da metafísica realista, vê em Burgos, bem como no personalismo, de uma maneira geral, um reducionismo do conceito de pessoa. Conforme explicado acima, o conceito de pessoa, neste pensar metafísico, é atribuído, primeiramente, ao Ser subsistente. Decorre então que, se todo ser humano é pessoa, nem toda pessoa é humana. Além disso, compreende-se que, se a pessoa humana é repleta de dignidade, por ser pessoa, comparada com a pessoa do Ser subsistente, é deficiente. Por isso, compreender o Ser subsistente é compreender, de maneira direta, o coração humano – e negar a identificação da pessoa com o Ser subsistente, reduzindo-a ao ser humano, é permitir uma lacuna em campos como liberdade, conhecimento, etc. Esquece-se também de analisar a diferença específica da pessoa humana, a corporeidade (ser pessoa na “carne”), que traz, como frutos, a fragilidade e mortalidade. Ademais, há o medo de qualquer dualismo, que, para Seifert conduz ao desconhecimento e não reconhecimento da pessoa humana, baseado numa compreensão insuficiente sobre Aristóteles. Aliás, o crítico afirma que, para fundamentar o personalismo como tal, “implicitamente incorpora muito mais da filosofia clássica e medieval do que admite” (SEIFERT, 2013, p. 18)

Considerações finais

Entendemos que Juan Manuel Burgos parte de um novo horizonte para o personalismo: distanciando-o uma atitude perante o mundo (a tradicional definição de Mounier), percebe que há uma razoável sistematização do pensamento – pontos centrais dos quais todos os filósofos estão de acordo, o que a caracteriza como filosofia. A perspectiva traz boas contribuições, especialmente no que tange ao distanciamento da reflexão personalista de um mero estudo historiográfico - uma vez que traz uma reflexão que se pretende perene.

Referências

- ALVIRA, T.; CLAVELL, L.; MELENDO, T. *Metafísica*. Pamplona (Espanha): Ediciones Universidad de Navarra, S.A., 1986.
- BURGOS, J. M. ¿Es posible definir el personalismo? El Primado de la persona en la moral contemporánea: *XVII Simposio Internacional de Teología de la Universidad de Navarra*. Navarra: Servicio de Publicaciones de la Universidad de Navarra. 1997. p. 143-152.
- BURGOS, J. M. *Introducción al personalismo*. Madrid: Ediciones Palabra, 2012.
- BURGOS, J. M. Las cuestiones últimas y la religión. In: BURGOS, J. M. *Antropología: una guía para la existencia*. 5ª. ed. Madrid: Palabra, 2013. Cap. 15.
- DARTIGUES, A. Um positivismo superior. In: BURGOS, J. M. *O que é a fenomenologia?* 3ª. ed. São Paulo: Moraes, 1992. Cap. 1, p. 6-27.
- HOBBSAWN, E. *Era dos extremos: o breve século XX (1914-1991)*. Tradução de Marcos Santarrita. 2ª. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- LALANDE, A. *Vocabulaire technique et critique de la philosophie*. Paris: Presses Universitaires de France, 2002.
- MADUREIRA, M. D. A. Elementos da filosofia de Auguste Comte. *Verinotio*: Revista on-line de educação e ciências humanas, São Paulo, Outubro 2005.
- MOUNIER, E. *O Personalismo*. s/: Moraes Editores, s/a.
- SEIFERT, J. Sobre el libro de Juan Manuel Burgos, Introducción al personalismo. Persona. *Revista Iberoamericana de Personalismo Comunitario*, Córdoba (Argentina), n. 22, p. 12-21, Abril 2013. ISSN 1851-4693.
- STEIN, E. *On the Problem of Empathy*. 3ª. ed. Washington D.C.: ICS Publications, v. 3, 1989. https://doi.org/10.1007/978-94-009-1051-5_2
- URDAÑOZ, T. *Historia de la Filosofía*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, v. VIII, 1985.

Data de registro: 19/06/2016

Data de aceite: 30/11/2016